

DESIGNE



Amílcar Starosta André Alcântara Benício Beto Felício Bruno Porto Carlos Azambuja Carlos M. Horcades
Cesar G. Villela Chico Homem de Melo Cláudia Gonzaga Cláudio Lamas de Farias Cláudio Martins Fábio
Darci Felipe Taborde Fernando Martins Flávia Portela Flávio Mário Gelli Flávio Pessoa Guilherme Cunha
Lima Gunnlaugur SE Briem Heleno Bernardi Henrique Granado Henrique Pires Isabel Thees João Rodrigo
Guimarães Joaquim Redig Jorge de Salles José Abramovitz Julietta Sobral Karen Cesar Leonardo Eyer Leonardo
Visconti Luis Almeida Luis Henrique Nascimento Luiz Agner Marcio Shimabukuro Mark Feddersen
Nair de Paula Soares Nina Rodrigues Pedro Moura Pojucan Rafael Cardoso Rafael Rodrigues
Renato Alarcão Ricardo Mattar Richard Wilde Rita Santos Roberto Renner
Rodolfo Fuentes Rogério Cavalcanti Ruth Reis Sydney Freitas



UNIVER
CIDADE

Editorial

Há muito se foi o tempo em que o Design era um raro ofício. De lá para cá a sociedade afluyente e global intensificou e acelerou seus processos de comunicação. Claro que o Design não perdeu seu apelo, nem o designer seu charme, mas é inegável que ele, atendendo a tantas demandas, multiplicou sua presença por todos os campos. Apesar de tudo, essa multidão de profissionais não significa companhia, nem impede que cada um venha a se sentir pessoal e profissionalmente isolado. Esse é o problema: para uma vida de trabalho plena, precisa o designer se relacionar com a coletividade dos que, como ele, no mesmo campo atuam. O jovem designer (ou a jovem designer), com sua estação de trabalho preparada para lhe prover eficiência, precisão, versatilidade e rapidez parece ser profissional mais completo do que aqueles que lhe foram anteriores. Mas essa comodidade muitas vezes o isola, e lhe custa viver numa certa solidão digital. O resultado é, apesar de tantas vantagens, poder subsistir um sentimento de que há menos satisfação, na vida e na carreira.

Uma compensação pode ser a informação impressa. Os mais sensatos dos designers da "cidade digital" são os designers-leitores. As páginas escritas os fazem participar do mundo profissional, e mais além. Por ela passam a fazer parte da comunidade do Design, discutindo suas questões, acompanhando seus acertos, enfrentando seus problemas, desde os assuntos locais, passando pelas ferramentas conceituais, até as novidades do mundo.

Informação ampla, no âmbito do Design, é o que lhe promete esta DESIGNE 6. Começamos com ecos da mesa redonda Identidade Cultural da América Latina, que a UniverCidade promoveu, enriquecendo-a com a presença de designers do México e do Uruguai: os participantes refletem e comentam para você. E continuamos com a mostra Carioca, um testemunho de amor ao Rio: diante da artilharia negativa que se vem assestando contra a cidade (mesmo que tantas vezes com razão), podia a comunidade de designers dar resposta diferente? Se o Rio ainda vale a pena (e decisivamente achamos que vale), você pode conferir agora. Na entrevista, conheça mais daquele que é, ao mesmo tempo, um mito e uma permanência: o superilustrador Benício. E ainda sobram páginas sobre Design de Jóias, Design e Ilustração, Design de Interiores Aeronáutico, Metodologia do Design, Design Social, Wireless Design, Design e Usabilidade, Design Tipográfico, tudo nos saborosos testemunhos e depoimentos de designers, professores e pesquisadores que lhe serão tão instigantes com a palavra como o são com forma e imagem.

Pretendemos que nosso leitor nunca se sinta completamente só. Queremos encantá-lo, num passeio proveitoso, pelos diversos caminhos que se pode trilhar no campo fascinante do Design. Que a DESIGNE 6 funcione, para você, como poderosa fonte de estímulo e inspiração!

Sumário

Identidade Cultural da América Latina	05
Mostra Carioca	13
Viajando na publicidade	Cláudio Lamas de Farias 40
Thiobacillus	Ricardo Mattar 47
Bugingangadrome apresenta os menores gráficos do mundo!	Henrique Pires 50
Proposta para criação e desenvolvimento de conjunto de frascos para produtos automotivos	Carlos M. Horcades 52
Designe entrevista Benicio	55
O cérebro do ilustrador	Renato Alarcão 62
Wireless Design — um novo desafio para os designers	Fábio Darci 66
Usuário: você conhece esse cara?	Luiz Agner 72
Prática com teoria	Ruth Reis 76
O primeiro Design a gente nunca esquece	Cláudio Martins 80
Tipódromo	84
Com sabor de tradição	Fernanda Martins 88
Tipografia popular brasileira	Pedro Moura 90
Tupigrafia on the road	Bruno Porto e Márcio Shimabukuro 95
O tipo como imagem	Niña Rodriguez 98
O estranho e o belo alfabeto islandês	Gunnlaugur SE Briem 100
Tipografia e arte	Carlos M. Horcades 105
Workshop Cláudio Rocha e Tony de Marco	114
Ex libris famosos	Amílcar Starosta 116
Design como missão	Luís Henrique Nascimento 122
Chegou a hora dessa gente que é designer mostrar seu valor	Flávia Portela 126
A ilustração no país dos números	Luiz Agner 130
Caio Mourão (1933 – 2005)	Rita Santos e Sidney Freitas 134
Workshop Richard Wilde	136

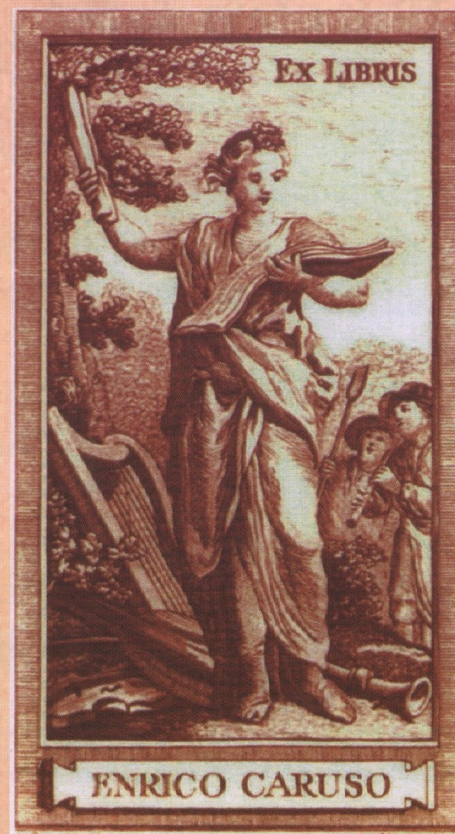
É FREQUENTE OBSERVAR EM GRANDES BIBLIOTECAS – A BIBLIOTECA NACIONAL, POR EXEMPLO – QUE SEUS VOLUMES TRAZEM NA PARTE INTERNA DA CAPA UMA ETIQUETA QUE CONTÉM O NOME DA RESPECTIVA INSTITUIÇÃO. TRATA-SE DO *EX LIBRIS* (QUE SIGNIFICA: ESTE LIVRO PERTENCE A...) DAQUELA BIBLIOTECA ESPECÍFICA, OU SEJA, UMA ETIQUETA QUE IDENTIFICA O PROPRIETÁRIO DE UM ACERVO. ESSAS ETIQUETAS SÃO FEITAS MUITAS VEZES POR GRANDES ARTISTAS E DEPOIS REPRODUZIDAS EM NÚMERO SUFICIENTE PARA QUE SE POSSAM MARCAR TODOS OS LIVROS, PODENDO SER USADAS TANTO POR INSTITUIÇÕES QUANTO POR PESSOAS FÍSICAS.

Ex Libris Famosos

por Amilcar Starosta

Designer gráfico formado pela UniverCidade. Pesquisa os *ex-libris* e vem divulgando essa arte esquecida através de artigos e palestras, além de um livro sobre *ex-libris* brasileiros, ainda inédito.

Muitas personalidades, tais como Einstein, Freud, Oswaldo Cruz, Barão do Rio Branco – só para citar algumas – utilizaram os *ex libris* em suas coleções com o objetivo de marcá-los, evitando assim que se dispersassem no caso de empréstimo, por exemplo. Também porque outrora as bibliotecas conferiam a seus donos dignidade e status, e a elaboração do *ex libris* sempre procurava manifestar em sua linguagem visual o fiel retrato da alma de seu possuidor. Neste artigo foram reunidos alguns exemplos de *ex libris* pertencentes a brasileiros e estrangeiros famosos. Esta galeria dará ao leitor a oportunidade de constatar tais correspondências psicológicas que fazem do *ex libris* uma arte tão interessante.



Caruso

O grande tenor italiano Enrico Caruso nasceu em Nápoles em 1873, tendo falecido em 1921, aos 48 anos de idade. Este *ex libris* é uma alegoria de seu talento. Uma musa com libreto na mão ocupa o lugar central, tendo ao fundo uma paisagem bucólica e instrumentos musicais a seus pés. A cor vermelha intensa confere dramaticidade à cena.



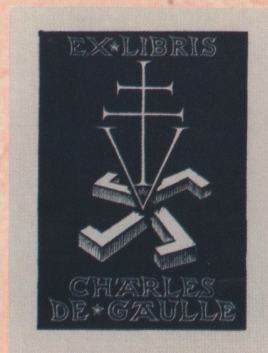
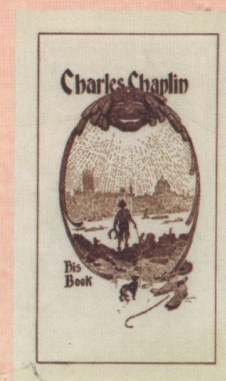
Catulo da Paixão

Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) nasceu em São Luís do Maranhão, passou a adolescência no Ceará e veio moço para o Rio de Janeiro, onde se revelou como artista. Poeta e músico, freqüentava rodas de seresta e modinha, cantando, tocando violão e flauta, num tempo em que o violão era visto como instrumento de "malandros" e "vagabundos". Era contemporâneo e amigo de Anacleto de Medeiros. Teve composições gravadas pela Casa Edison. Em 1910 compôs Luar do Sertão, sua música mais conhecida. Catulo morreu pobre, em uma casa de subúrbio no Rio.

Seu ex libris, uma xilogravura do artista José Correa de Moura, traz os dizeres "natureza música poesia". Um galo cantando de madrugada, um violão e rosas mostram a alma boêmia de seu possuidor.

Chaplin

O inesquecível Charles Chaplin (1889-1977), inglês naturalizado americano, aparece em seu ex libris como uma criança, com os trajes característicos do vagabundo, tão conhecido por todos nós. Olhando para a cidade do outro lado do rio Tâmis, é como se estivesse postado entre o passado e o futuro. No primeiro plano, à frente de uma moldura em forma oval coroada por uma máscara de comédia, aparecem a bengala e os sapatos, que acabaram por tornar-se sua assinatura. Os raios luminosos que vêm de cima representam o espírito de esperança e otimismo iluminando seu caminho.



De Gaulle

Charles de Gaulle (1890-1970), o famoso presidente francês, teve provavelmente seu ex libris desenhado após a Segunda Guerra Mundial. Aqui a cruz de Lorena (cortada duas vezes na horizontal) é combinada com o número 5 em algarismos romanos, representando a Quinta República, da qual de Gaulle foi o último presidente, de 1959 a 1969. Durante a guerra, a cruz de Lorena foi identificada como símbolo da Força de Libertação francesa e do próprio De Gaulle como líder da resistência. Nesse ex libris de exuberante apelo gráfico visual – autoria de Ernst Huber – a cruz de Lorena e a Quinta República, ambas representando De Gaulle, juntam forças e quebram a suástica, destruindo o símbolo do nazismo.

Houdini

Húngaro naturalizado americano, o mágico e ilusionista Harry Houdini (1874-1926) se tornou uma verdadeira lenda que perdura até os dias de hoje. O ex libris mostra seu retrato de perfil, com o ar misterioso que sempre cercou sua figura.



Joaquim Nabuco

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910). Foi um dos nossos mais brilhantes oradores, além de ter escrito e publicado várias obras notáveis. Teve papel preponderante na abolição da escravatura em nosso país. Fundador da Academia Brasileira de Letras, juntamente com Machado de Assis, Nabuco teve uma carreira diplomática muito bem sucedida.

Seu ex libris mostra um touro alado – figura da arte assíria – circundado por ornamentos que a valorizam, conferindo-lhe graça e imponência. Na base, uma placa na qual está gravado o sobrenome "Nabuco".

JK

Nascido em Diamantina, MG, em 1902, Juscelino Kubitschek teve uma infância pobre, além de ter perdido o pai aos 2 anos de idade. Apesar das dificuldades, completou a Faculdade de Medicina, tornando-se urologista. Ocupou a Presidência da República de 1956 a 1961, tendo sido um dos mais importantes nomes da história política brasileira.

Seu ex libris foi feito em 1954 por Alberto Lima, o mais profícuo dos ex-libristas brasileiros. Traz o brasão de Minas Gerais, estado do qual era governador na época. Na imagem – que retrata torres de energia, quedas-d'água e estradas, além da faixa com os dizeres "energia e transporte" – se revela já a visão progressista do estadista. Do lado direito, sobrepondo sua assinatura, o caduceu com a serpente, símbolo da medicina.





Lima Barreto

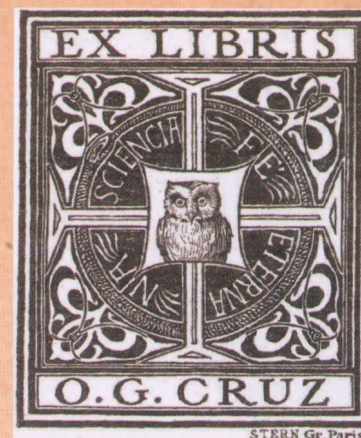
Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), nascido no Rio de Janeiro, e sempre teve uma vida difícil. O cenário de sua infância foi um asilo de loucos onde seu pai era zelador. Mais tarde, quando quis dedicar-se à Engenharia, foi impedido pela falta de condições econômicas de sua família. Também teve problemas com a bebida, mas era culto, muito lido e dono de biblioteca de certo vulto. Escreveu sempre com vistas à questão social, à mestiçagem; os problemas de raça estão sempre presentes.

Seu ex libris, uma estampa tipográfica em uma só cor, traz uma esfinge com corpo de leão alado acima da qual se lê a palavra latina "AMPLIUS!" (sempre mais amplo). Sob ele, uma placa que sugere a forma de um livro que contém seu nome numa tipografia rebuscada e interessante. Abaixo, uma flor de lírio.



Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

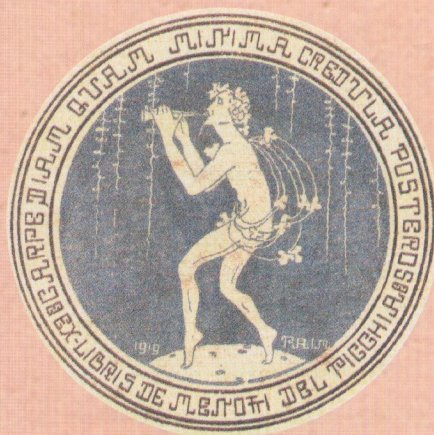
O ex libris da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi criado pelo grande artista e designer Eliseu Visconti (1866-1944).



Oswaldo Cruz

Oswaldo Gonçalves Cruz (1872-1917) nasceu em São Paulo. Estudou medicina no Rio de Janeiro, morou em Paris, e, ao voltar ao Brasil, tornou-se um verdadeiro herói no combate à febre amarela. Membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras, publicou inúmeras obras no Brasil e lá fora. Morreu no Rio aos 45 anos.

Seu ex libris foi gravado em Paris por Stern. No centro, destaca-se a figura de uma coruja, símbolo da ciência, em torno da qual estão gravadas as palavras "Fé Eterna na Ciência". Essas palavras estão contidas num "O" – de Oswaldo – formado por uma cobra mordendo o próprio rabo. De uma bela ornamentação sobressai uma grande cruz que domina todo o quadro, completando o nome do cientista.



Menotti del Picchia

Paulo Menotti del Picchia nasceu em São Paulo em 1892. É autor de romances, contos e crônicas, novelas e ensaios, peças de teatro, estudos políticos e obras da literatura infantil. *Juca Mulato* foi sua obra de maior repercussão. Fundou jornais e revistas, foi fazendeiro, editor, diretor de banco e indústria. Fez pintura e escultura. Pertencente às Academias Paulista e Brasileira de Letras, teve destacada atuação no movimento modernista. Participou da Semana de Arte Moderna como o seu orador oficial.

Seu ex libris, uma estampa tipográfica de 1919, foi feito pelo artista Antonio Paim Vieira, considerado um dos grandes ex libristas brasileiros. Uma estampa representando o que parece ser o deus grego Dionísio, circundada por uma faixa escrita em interessante tipografia que imita adornos gregos, onde se lê, na metade de baixo "Ex Libris de Menotti Del Picchia" e, na de cima, "carpediam quam minima credula posterus" (aproveite o dia de hoje, o futuro é incerto).



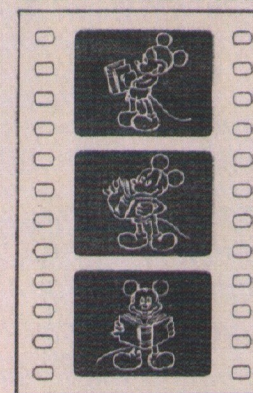
Disney

Walt Disney (1901-1966) desenhou histórias em quadrinhos, dirigiu shows ao vivo e criou um parque temático, tendo se consagrado acima de tudo por seus desenhos animados e seus personagens tão conhecidos. Sua criação mais famosa, o Mickey Mouse, é representado aqui numa série que simula um filme quadro-a-quadro, mostrando o processo usado para dar vida ao mesmo.

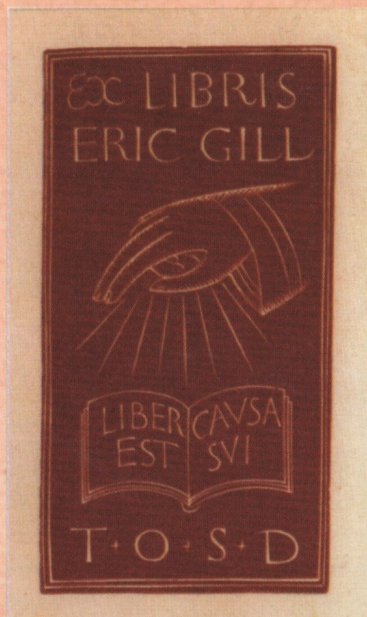
Einstein

Albert Einstein nasceu na Alemanha em 1879, vindo a falecer em 1955. No ex libris do gênio da ciência vemos uma figura no topo de uma montanha, como que contemplando ou abraçando o cosmos.

EX LIBRIS



Walt Disney



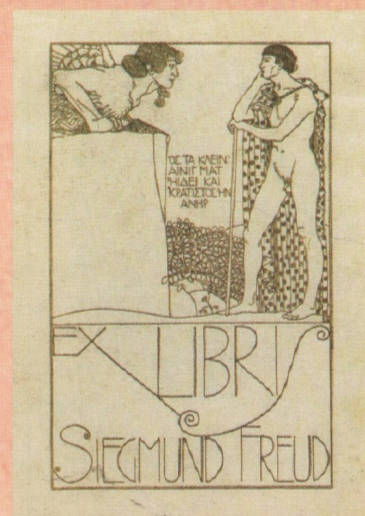
Eric Gill

Eric Gill nasceu na Inglaterra em 1882 e morreu em 1940. Escultor, artista gráfico e tipógrafo, ganhou notoriedade pelo design dos livros que criou nos anos 30. Sua devoção aos livros e à tipografia estão evidentes em seu ex libris, uma mão irradiando luz sobre um livro aberto, contendo os dizeres latinos "Liber est causa sui" (O livro é a causa de si mesmo).

Freud

Conhecido como o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939) nasceu em Viena, na Áustria. Seu ex libris mostra a figura de Édipo confrontando a Esfinge, monstro que aterrorizava os viajantes a caminho de Tebas. De acordo com o mito, a Esfinge propunha uma adivinhação, que Édipo decifrou, derrotando-a e tornando-se, assim, o rei de Tebas.

A cena, com um texto explanatório escrito em grego, é trabalhada no melhor estilo Art Nouveau, tão popular na virada do século dezenove.



H. G. Wells

O inglês H. G. Wells (1866-1946) foi escritor, jornalista e historiador. Publicou mais de uma centena de livros, metade deles novelas e muitos deles sobre ficção científica. Nesse ex libris podemos ver um sujeito no topo de um balão, com seu telescópio apontado para o céu estrelado, tentando captar um lapso de "outros mundos" que tanto fascinaram Wells.

